**IMPLANTAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE DO CAPITAL DE GIRO EM UMA MICROEMPRESA DO SETOR DE ALIMENTAÇÃO.**

Sheila Lima de Souza[[1]](#footnote-1)

Orientador: Professor Antônio Soares Barcellos

**RESUMO**

Este estudo buscou evidenciar a utilidade do fluxo de caixa, especificamente como suporte para a tomada de decisão e como ferramenta que auxilie no controle e na gestão do capital de giro, frente aos passivos de curto prazo. A metodologia utilizada parte da revisão da bibliografia existente, evidenciando os fundamentos teóricos que amparam a pesquisa, detalhando o questionamento e os objetivos, além dos tipos e princípios de controles internos que são norteadores para uma gestão financeira de curto prazo. Abordou também a situação financeira em relação ao capital circulante líquido, bem como os indicadores de liquidez e os conceitos relativos ao capital de giro como um todo. Por fim, foi demonstrado o grau real de liquidez, em regime de caixa, através do fluxo de caixa implementado na empresa Lanchonete Villandry, com base em seu plano de contas. Esta pesquisa foi enquadrada na condição de estudo de caso único, usando dados primários, utilizando os Balanços Patrimoniais e os Demonstrativos do Resultado dos Exercícios de 2014 e 2013, que eram os que estavam disponíveis, para fins de elaboração de controles gerenciais de curto prazo. Além disso, trata-se de uma pesquisa descritiva e aplicada, que busca permitir à empresa uma melhor possibilidade de gerir suas finanças no dia a dia, antevendo possíveis necessidades, ou ainda, eventuais excedentes de caixa futuros. Por fim, foi implementado o fluxo de caixa e alguns controles de liquidez de curto prazo, além de ser sugerido que fossem mantidos como meios de permitir uma organização e controles mais eficazes e efetivos da gestão financeira.

**Palavras-Chave**: Fluxo de Caixa. Gestão Financeira. Capital de Giro.

***ABSTRACT***

*This study aimed to demonstrate the utility of cash flow, particularly as support for decision making and as a tool that can assist in the control and working capital management, compared with short-term liabilities. The methodology of the review of existing literature, highlighting the theoretical foundations that support research, detailing the questioning and objectives, in addition to the types and principles of internal controls that are guiding to correct short-term financial management. Also addressed the financial situation in relation to working capital and liquidity indicators and the concepts relating to working capital as a whole. Finally, the actual degree of liquidity it has been shown, on a cash basis, through cash flow effectively implemented and Spot Villandry, based on their chart of accounts. This research was framed in the single case study condition, using primary data, using the Balance Sheets and Statements of the 2014 and 2013 exercises result, they were the ones that were available for the preparation of short-term management controls purposes. In addition, it is a descriptive and applied research, which seeks to enable the company better able to manage their finances on a daily basis, anticipating possible needs, or, any excess of future cash. Finally, the cash flow and some short-term liquidity control was implemented, and is suggested to be maintained as a means to enable an organization and more efficient and effective control of the financial management.*

***Keywords****: Cash Flow. Financial management. Working Capital.*

**1 INTRODUÇÃO**

Este estudo surgiu a partir do fato de que o empresário da microempresa estudada se preocupa exclusivamente com a venda, visando apenas garantir a sua retirada mensal, o que é compreensível, porém, esquece que a empresa precisa de organização e, no mínimo, de um nível básico de planejamento e gestão para buscar prolongar ao máximo seu ciclo de vida. Os gastos necessitam de um acompanhamento, assim como os recebimentos, estabelecendo uma relação dos recursos que estão entrando na empresa em relação aos recursos que estão saindo, verificando desta forma, o comprometimento das entradas do caixa com os desembolsos para manter a empresa em perfeito funcionamento. Após garantir resultados consistentes, é que se poderá definir retiradas que sejam compatíveis e viáveis sem prejudicar a empresa (NETO, 2012).

Sendo assim, foi adotada uma ferramenta simples e de fácil manuseio, o fluxo de caixa. Esta ferramenta projeta realmente os volumes de recursos, em regime de caixa, que estarão disponíveis em um determinado período, proporcionando ao empresário informações para agir no sentido de organizar e planejar ações, como por exemplo, as compras, as retiradas, investimentos, ou ainda, se necessário, a busca de capital junto aos terceiros, através de empréstimos, nos casos em que há identificação de escassez de caixa (NETO, 2012).

Considerando os comentários preliminares, esse estudo define como problema de pesquisa o seguinte: de que forma a implantação do fluxo de caixa pode proporcionar o controle e gestão do capital de giro da Lancheria Villandry?

Partindo dessa premissa, o objetivo geral desse estudo é identificar as contas de receitas e despesas da empresa, de forma a criar condições para implementação do fluxo de caixa como ferramenta de gestão de suas contas a receber e contas a pagar, que seja capaz de auxiliar no controle do capital de giro.

Sendo assim, os objetivos específicos desse estudo são: (1) desenvolver para fins de implantação um modelo de fluxo de caixa gerencial, que seja adequado às circunstâncias específicas da lanchonete Villandry; (2) avaliar a estrutura do capital de giro; (3) analisar os indicadores da estrutura de liquidez de curto prazo.

Visualizando uma oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos, a pesquisadora realizou esse estudo sobre gestão do capital de giro, através do desenvolvimento de fluxo de caixa em empresa atuante no mercado. Tratando-se de um tema importante no contexto da manutenção da longevidade de um negócio, a intenção é colaborar de alguma forma, para que fique evidenciada para as microempresas, a importância de possuírem um controle interno, qualificando a gestão de seu capital de giro. Desta forma, volta-se o esforço para a implantação do fluxo de caixa de forma definitiva na empresa estudada, por saber-se que é uma ferramenta que auxilia a gestão financeira diária, sempre buscando respaldo na bibliografia disponível. Para a acadêmica, de modo geral, esse estudo poderá auxiliar como um possível material de apoio às futuras pesquisas, o que contribui para justificar o estudo.

Com mercado cada vez mais exigente, o planejamento e a organização se fazem necessários para que as empresas criem maneiras de se posicionarem de forma competitiva. Uma das formas de atingirem este estágio é dominando ferramentas que forneçam relatórios financeiros, que auxiliam as decisões (AZEVEDO org., 2013).

**2 CONTROLES INTERNOS**

Controles internos são procedimentos utilizados, onde estão intrínsecos os planos e estratégias da empresa. Tem a intenção de proteger seu patrimônio, produzir informações contábeis confiáveis e melhorar o desempenho das rotinas operacionais. Uma das atribuições do controle interno é identificar erros e corrigi-los. É prudente supervisionar os processos, para que se mantenham alinhados as estratégias e políticas da entidade. O controle interno não engloba somente a controladoria (contabilidade e fiscal) e financeiro, mas todos os setores da entidade (OLIVEIRA, PEREZ Jr. e SILVA, 2009).

Ainda se pensa que controle interno funciona como uma auditoria interna, porém são coisas bem distintas. A auditoria interna revisa os procedimentos e as informações de uma maneira estruturadas, e controles internos são procedimentos utilizados na entidade criados para atingir os planos definidos. Analisam e comparam rotinas e processos, até chegarem a padrões a serem seguidos (ATTIE, 2009; BARRETO, 2008).

Para tanto, é necessário a segregação das atividades, bem como estabelecer níveis de autoridades e montar uma equipe qualificada e engajada. Além disso, é preciso padronizar uma estrutura de contas contábeis para nortear o processamento das informações contábeis. Quando a entidade tem planos e políticas traçadas, é por intermédio dos controles internos que visa garantir que eles sejam cumpridos, ou seja, incorporar aos controles internos os princípios as normas fixadas pela entidade, para obter os resultados planejados. (ATTIE, 2009; ATKINSON *et al*, 2008).

Para se ter uma análise tanto global quanto analítica da entidade, todos os setores necessitam de controles internos. Assim a entidade pode coletar informações para medir seu desempenho, verificar se as decisões estão alcançando o resultado esperado, e corrigir o que não estiver obtendo resultado esperado ou estiver em desacordo com planos da empresa. Controles internos efetivos têm que reproduzir as estratégias da entidade e precisam estar alinhados com as decisões da direção da entidade (CATELLI coord., 2010).

Controles internos são processos elaborados e implantados na entidade, que servirão para conduzir as ações de seus colaboradores. Nesses processos devem estar envolvidas as intenções gerenciais. Os controles pretendem certificar que as informações sejam manuseadas conforme foram determinadas. Para que os controles internos fluam com segurança, é preciso que a entidade como um todo esteja disposta a segui-los, pois, os controles devem estar funcionando em todos os setores. Contudo, o setor de controladoria auxilia na promoção dos controles entre os setores. E a diretoria deve estar envolvida, também, em todo esforço despendido na implantação e vigilância dos controles internos, pois é a maior interessada na sua eficácia, tendo em vista que poderá averiguar suas estratégias (NASCIMENTO e REGINATO, 2009).

Em resumo entende-se que existem dois grandes grupos de controles internos: os controles contábeis e controles administrativos. Os controles contábeis consistem em processos ligados as rotinas contábeis, incluindo controles de valores e distribuição de responsabilidades. No entanto, os controles administrativos são aqueles que estão fixados nas rotinas operacionais, buscando a eficiência e cumprimento das estratégias estipuladas pela entidade (ATTIE, 2009; ALMEIDA, 2009).

No caso, o fluxo de caixa se enquadra no segundo tipo, apesar de utilizar contas contábeis, o que passará a ser explorado na sequência deste estudo, oportunamente.

2.1 MICROEMPRESAS

Este item pretende aclarar o enquadramento fiscal da empresa objeto deste estudo, no caso, a Lancheria Villandry.

A microempresa é o tipo de empresa que mais existe no Brasil (BRASIL, s.d), e recebe da legislação brasileira inúmeras vantagens, no que diz respeito à área fiscal, trabalhista e administrativo, desta forma possuem muita oportunidade de crescimento (NETO, 2012).

As microempresas estão regulamentadas pela Lei Complementar nº 123/06. E que determinará a classificação como microempresa é sua receita bruta anual, que deverá ser igual ou inferior a R$360.000,00 mil Reais, das quais podem se enquadrar a sociedade empresária, a sociedade simples e a empresa individual de responsabilidade limitada. Dentre alguns benefícios, a microempresa recolhe um único imposto, que engloba as esferas Federal, Estadual e Municipal, além das obrigações trabalhistas (BRASIL, 2006).

2.2 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

A Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) é um relatório contábil que mostra as movimentações de entrada e saída no saldo do caixa e equivalentes de caixa (conta caixa, banco conta corrente e banco conta aplicação de curtíssimo prazo) da empresa. Por intermédio dos registros de recebimento e pagamentos de um período, a DFC transforma dados em informações úteis para os administradores (BRAGA e ALMEIDA, 2013).

Conforme Azevedo org. (2013), a DFC é uma ferramenta que corretamente interpretada, ajuda entender da situação financeira na qual se encontra a empresa. Existem dois tipos de DFC, uma é elaborada com informações históricas, operações que já aconteceram, essa demonstração é o fluxo de caixa realizado. No entanto, existe também a demonstração que traz as tendências futuras, possíveis de se realizarem, porém baseadas em dados do passado, chamada de fluxo de caixa projetado. O tipo projetado registra a venda a prazo onde o recebimento é futuro, e a compra a prazo, onde o pagamento é no futuro. Independente da DFC elaborada, sendo feita corretamente possibilita que o empresário consiga se preparar frente situações financeiras difíceis que a empresa venha enfrentar (AZEVEDO org., 2013).

Em adição, as informações contidas nas contas contábeis do ativo circulante, especificamente as disponibilidades, podem ser usadas na construção do fluxo de caixa, mas o ideal é que ele seja alimentado imediatamente após as atividades empresarias. O controle diário e mensal das operações ocorridos na empresa, que movimentam o disponível e as demais contas envolvidas do ativo circulante, faz com o que o fluxo de caixa reproduza a situação atualizada em que se encontrará a empresa em períodos futuros, facilitando o monitoramento dos recursos, e o planejamento de liquidez necessária às movimentações futuras (PADOVEZE, 2009).

Como citado anteriormente, o fluxo de caixa projetado espelha informações relevantes como a previsão dos recebimentos das operações e os vencimentos das contas a pagar, quer dizer a liquidez da empresa frente aos passivos, permitindo que haja uma manipulação dos volumes de caixa a fim de cobrir a falta de sincronia entre as entradas e saídas de recursos financeiros (NETO, 2012).

Todavia, há duas formas de demonstração da DFC, método direto e método e indireto, e que são apresentadas em três partes, quais sejam: as atividades operacionais que representam pagamentos e recebimentos, referente a atividades fim da empresa; atividades de investimentos que representam pagamentos e recebimentos referentes aos realizáveis em longo prazo, investimentos, imobilizado, intangível, diferidos, renda fixa e renda variável; por fim as atividades de financiamentos, que está relacionada a pagamentos e recebimentos referentes a passivos e patrimônio líquido (BRAGA e ALMEIDA, 2013).

Apresenta-se abaixo, através da Quadro 1, o demonstrativo do fluxo de caixa pelo Método Indireto.



**Quadro 1**: Fluxo de Caixa Indireto

**Fonte:** Azevedo org., (2013)

O método indireto retrata uma conciliação entre o fluxo de caixa das atividades da operação e o lucro líquido dentro do demonstrativo, diferente do método direto. O Resultado do exercício (Lucro ou Prejuízo líquido) é ajustado pelos itens econômicos que não transitam pelo caixa (atualizações monetárias, depreciação, amortização) e pelas variações nas contas patrimoniais operacionais de clientes e fornecedores (BRAGA e ALMEIDA, 2013).

Abaixo, na Quadro 2, apresenta-se um modelo de demonstrativo do fluxo de caixa pelo método direto.



**Quadro 2**: Fluxo de Caixa Direto

**Fonte**: Azevedo org., (2013)

O método direto reflete os recebimentos e os pagamentos oriundos das atividades operacionais da empresa, apresentados por transação (recebimento de clientes, pagamentos a fornecedores), acompanhado de nota explicativa (BRAGA e ALMEIDA, 2013).

A DFC é alimentada constantemente com informações atualizadas das movimentações financeiras (recebimentos e pagamentos), e traz para o empresário uma projeção do comportamento dos fluxos do dinheiro, apresentando uma prévia das condições financeiras de períodos futuros da empresa, mostrando ao gestor uma previsão futura do fluxo de caixa, essas informações antecipadas das movimentações de caixa possibilita ações no sentido de planejamento e controle da liquidez (WELSCH, 1983 *apud* HOJI, 2010, p.160).

Nesta pesquisa, o modelo a ser implantado na empresa estudada, parte da utilização do modelo de fluxo de caixa pelo método direto, com adaptações que irão de encontro à realidade específica da Lancheria Villandry.

2.3 INDICADORES DA ESTRUTURA DE LIQUIDEZ DE CURTO PRAZO

Este tópico se propõe a definir apenas alguns indicadores básicos que possam ser úteis para analisar a situação da empresa objeto do estudo.

Para tanto, os indicadores econômicos e financeiros correspondem a cálculos que utilizam os elementos do balanço, com o intuito de revelar a real posição, atual e futura da empresa. Ajuda a entender seus aspectos financeiro e econômicos, bem como a situação a qual se encontra. Com isso é possível produzir informações que ajudam a levantar problemas e dificuldades que a empresa tenha ou possa vir ater, podendo assim, direcionar ações para evitar e solucioná-los (PADOVEZE, 2010).

Contudo, se faz necessário entender dois termos muito usados pelos empresários, que são as palavras: Econômico e Financeiro. O termo “Econômico” está relacionado a lucro e patrimônio líquido utilizando o regime de competência, e o termo “Financeiro” está remetido ao dinheiro, as variações do saldo de caixa utilizando o regime de caixa, conforme se observa no Quadro 3 abaixo. (MATARAZZO, 2010).



**Quadro 3**: Representatividade da situação econômica e financeira

**Fonte:** Matarazzo (2010).

O resultado financeiro positivo significa para a contabilidade, que a empresa teve lucro, e, negativo se apresentou prejuízo, visualizado no DRE (Demonstrativo do Resultado), que não está relacionado com as disponibilidades de caixa. Entretanto, as análises da demonstração financeira, como por exemplo, da DFC (Demonstração do Fluxo de Caixa), mostram a situação do caixa da empresa, sendo mais claro, se ela tem dinheiro para o pagamento de seus passivos, ouse precisará levantá-los (MATARAZZO, 2010).

**2.3.1 Capital de giro e o capital circulante líquido.**

Denomina-se Capital de Giro o valor do ativo circulante de um balanço, ou seja, a soma das disponibilidades imediatas, contas a receber (clientes), estoques, adiantamentos, despesas diferidas, entre outros valores classificados no curto prazo. Também chamado de capital circulante, o Capital de Giro tem algumas características como a curta realização, que é de no máximo um ano e a corriqueira transformação entre os elementos dentro do próprio conjunto do Ativo circulante. Um exemplo é quando ocorre a venda a prazo, onde diminuiu o estoque e há o aumento de duplicatas a receber (clientes), e, posteriormente, quando o cliente pagar, acontecerá o recebimento diminuindo as duplicatas a receber e aumentando o caixa ou banco da empresa, e assim os elementos vão se transformando constantemente dentro do grupo do ativo circulante. Diante do exposto, entende-se que o capital de giro corresponde ao próprio ativo circulante. (NETO, 2012; CRCRS, 2011).

Outro tópico abordado é o Capital Circulante Líquido, que corresponde ao valor resultante entre o ativo circulante subtraído do passivo circulante. Identificado por Matarazzo (2010, p.194) como a “folga financeira da empresa”, em outras palavras representa a sobra de ativo circulante comparado ao passivo circulante (MATARAZZO, 2010; DAMODARAN, 2007).

E ainda, Neto afirma que o Capital de Circulante Líquido não é somente uma fórmula, mas ele mostra a forma que estão distribuídos os valores empregados no ativo circulante comparado ao passivo circulante, para uma posterior análise da liquidez. Comenta-se aqui, que este autor se refere logicamente às análises da composição do capital de giro, considerando suas contas, particularmente os estoques, que ao se tornarem muito significativos no contexto do giro, tendem a diminuir a qualidade do capital de giro (no aspecto de liquidez) (NETO, 2012). Este processo visualiza-se no Quadro 4 abaixo.



**Quadro 4:** Capital Circulante Líquido

**Fonte:** Neto (2012).

Se o CCL é Positivo, quando seu resultado for maior que 1,0, quer dizer que a empresa possui recursos para cobrir o passivo circulante e ainda sobram excedentes. Quando o resultado do CCL é igual a zero, quer dizer que sua condição financeira está apertada e beira uma crise financeira, pois dessa maneira, poderá ter de captar recursos de terceiros a qualquer momento, tais como empréstimos e financiamentos para quitar suas dívidas. Quando o resultado for menor de 1,0 o CCL está negativo, quer dizer que a empresa está enfrentando uma crise financeira no caixa e precisara captar recursos externos ou liquidar parte de ativo não circulante para saldar as suas dívidas, fazendo com que diminua a lucratividade da empresa (NETO, 2012).

O resultado do cálculo do Capital Circulante Líquido deve ser analisado com cuidado, por que dentro dele está o ativo circulante que é composto também dos estoques e os clientes a receber, valores que merecem atenção por não estarem disponíveis em moeda. O estoque traz com ele incertezas na clareza da composição de seus elementos frente à qualidade e avaliação, e no que toca os clientes a receber correspondem os diferentes prazos de realização de que ele é composto (MARION, 2010).

Em outra visão trazida por Neto (2012), o equilíbrio financeiro se dá na maneira de como será a distribuição dos recursos próprios (originados dos sócios) e os de terceiros (originados de fora da empresa). Os recursos captados de terceiros, aqui abordado o passivo circulante, devem ser aplicados exclusivamente no ativo circulante onde serão convertidas em dinheiro, em outras palavras, a carência de recursos financeiros de curto prazo deve ser sustentada pelo passivo circulante (NETO, 2012).

Como se sabe normalmente não há uma sincronia entre os elementos dos circulantes, neste caso os valores a receber e os valores a pagar. Então se observa que esse descasamento gera a necessidade de buscar um planejamento para uma cobertura adequada das necessidades de caixa (NETO, 2012).

Essas considerações dos autores referidos acima serão abordadas por ocasião das análises acerca da situação do capital de giro da empresa objeto do estudo.

**2.3.2 Coeficientes de liquidez de curto prazo**

Afirma Gitman (2010, p. 133) que “a liquidez diz respeito à solvência da situação financeira global da empresa – a facilidade com que ela pode pagar suas contas”, quer dizer, Liquidez é a capacidade que uma empresa tem de garantir o pagamento de seus passivos de curto prazo nos vencimentos (GITMAN, 2010).

Uma forma de análise de liquidez de curto prazo acontece por meio da elaboração de índices (coeficientes), a partir dos valores do balanço, com o objetivo de levantar a situação econômico-financeira e as tendências de uma empresa, a fim de avaliar a capacidade de pagamento dos compromissos de curto prazo da empresa, enfim a sua liquidez (HOJI, 2010).

O Coeficiente de Liquidez Imediata (LI) mostra à proporção que a empresa tem, imediatamente, de dinheiro disponível para quitar as dívidas de curto prazo. Frente ao resultado do índice deve-se levar em conta que dentro do passivo circulante utilizado terá diferentes vencimentos das dívidas, o que torna desnecessário que a empresa tenha um alto valor em dinheiro disponível, deixando de aplicá-lo em outra área da empresa (MARION, 2010).

O cálculo do coeficiente de Liquidez Imediata pode ser apresentado conforme a fórmula no Quadro 5 a seguir:



**Quadro 5:** Coeficiente de liquidez Imediata

**Fonte:** Marion (2010)

No Quadro 05 acima, disponibilidades correspondem ao caixa e equivalentes de caixa, quer dizer caixa, bancos, aplicações financeiras de curtíssimo prazo (MARION, 2010).

O coeficiente de Liquidez Corrente (LC) mostra a capacidade da empresa de quitar suas dívidas de curto prazo de forma geral. É preciso ressaltar que dentro do ativo circulante existem valores que precisam ser convertidos em dinheiro, como os clientes a receber e o estoque, e que tem diferentes vencimentos, sendo necessário avaliar, como por exemplo, a sincronia dos valores a receber com os valores a pagar. O estoque também precisa de atenção, pois tem uma lenta transformação em dinheiro podendo causar dificuldades de liquidez em curto prazo (MARION, 2010).

O cálculo do coeficiente de Liquidez Corrente pode ser apresentado conforme a fórmula no Quadro 6 a seguir:



**Quadro 6:** Coeficiente de liquidez Corrente

**Fonte**: Marion (2010).

O coeficiente de Liquidez Seca (LS), por sua vez, mostra a capacidade de pagamento do passivo circulante desconsiderando o valor do estoque. Quando se subtrai o estoque no cálculo desse índice, se retira uma fonte de dúvida que existe na análise da liquidez da empresa, pois dentro do estoque pode haver valores que causam distorções no índice, itens obsoletos, super avaliados ou ainda perecíveis de curta validade que perde valor com mais facilidade (IUDÍCIBUS, 2010).

Logo mais, no Quadro 7, a fórmula apresentada do índice de Liquidez Seca, além da exclusão dos estoques, exclui as despesas antecipadas, pois deve ser eliminado não somente dos índices as contas de baixa liquidez, mas inclusive contas que não serão convertidas em dinheiro, ficando somente os valores disponíveis e os valores a receber, resultando um índice mais próximo da realidade de liquidez (NETO, 2012).

O cálculo do coeficiente de Liquidez Seca pode ser apresentado conforme a fórmula a seguir, apresentada no Quadro 7.



**Quadro 7:** Coeficiente de liquidez Seca

**Fonte:** Neto (2012).

Todavia, os índices de liquidez produzem cenários financeiros, e quando elaborados numa sequência de períodos futuros, projetam para o agora as posições que a empresa estará lá na frente, fornecendo informações para que o empresário prepare financeiramente a empresa no enfrentamento de situações adversas, e tenha tempo para o planejamento de ações no manejo dos recursos, se adequando na escassez de liquidez, ou promovendo uma destinação para o excesso de recursos (PADOVEZE, 2009).

**3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.**

Esta pesquisa se caracteriza por utilizar uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso único. Assim, a sua análise mostrará a importância desse controle da tomada de decisão a favor da gestão do capital de giro. Conforme Silva (2010, p.30) “pesquisa qualitativa pode ser associada à coleta e a observação e análise do texto (falado e escrito), e a observação direta do comportamento”. O estudo de caso se vale da preparação de relatórios que partem de documentos solicitados à empresa, conforme diz Silva (2010, p. 57) “é um estudo que analisa um ou poucos fatos com profundidade” (SILVA, 2010).

O estudo está focado na implantação de uma ferramenta adaptada à lanchonete, especificamente para controlar o capital de giro e as despesas de curto prazo, indo de encontro ao que diz Beuren (2010, p.84), que o estudo de caso é preferido “pelos pesquisadores que desejam aprofundar seu conhecimento a respeito de determinado caso específico”, confirmando a pesquisa de um único caso (BEUREN, 2010).

Quanto aos objetivos desta pesquisa é do tipo descritivo de natureza aplicada, pois considerando o fato que a entidade não tem controles internos, será relevante implantar uma ferramenta de controle e gestão de liquidez real e customizada, justificando a aplicação. A pesquisa aplicada é movida pela necessidade de buscar soluções práticas para problemas detectados. Na pesquisa descritiva observa, processa e por último se analisa as ocorrências, se caracterizando principalmente pela compilação dos dados coletados na empresa (CERVO e BERVIAN, 2005).

Como técnicas de coleta de dados, o procedimento utilizado no estudo foi à análise documental de dados de fonte primária. Neste caso, foram utilizados os balanços para extrair as contas contábeis e seus saldos, notas fiscais e boletos para a elaboração do fluxo de caixa e dos índices de liquidez, levantando a situação financeira da empresa. Conforme Lakatos e Marconi (2003), os dados primários são documentos e relatórios, escritos ou não, advindos dos fatos ocorridos na empresa, compilados pelo autor no momento em que acontece ou depois, com o uso de arquivos privados, contratos, relatos de visitas a instituição (LAKATOS E MARCONI, 2003).

Como forma de análise e interpretação dos dados, foram realizados cálculos de alguns indicadores financeiros relacionados ao capital de giro, criados para demonstrar com mais clareza os resultados obtidos. As informações foram analisadas com amparo fornecido pelo referencial teórico. A pesquisa procurou descrever de maneira clara e objetiva, para um fácil entendimento. O conteúdo da pesquisa se apresentou de maneira explicita no texto (SILVA, 2010).

**4 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DE DADOS**

A empresa objeto deste estudo é uma lanchonete, chamada Villandry Lanches, que entrou em funcionamento e 17 de janeiro de 2013. Está localizada em Porto Alegre, no colégio Santo Antônio da rede La Salle. Seus clientes são os alunos, pais, professores e funcionários da escola (não está aberto para o público externo). Fatura em entorno de 12 mil reais por mês, e toda a receita é registrada no caixa. O caixa é conferido diariamente no fechamento do dia pelo proprietário, com quem a autora manteve contato sistemático a partir de entrevistas informais. A empresa não trabalha com cartão de crédito, pois considera as taxas cobradas pela operadora muito elevada, e o perfil de público não exige esta modalidade de crédito. Os processos internos da lanchonete se resumem basicamente em compra, venda e recebimento. A operação se limita ao preparo de lances, e todos os processos são orientados pelo proprietário. Por fim, verificou-se que a lanchonete não tem controle financeiro em nenhum nível, além do movimento de caixa diário ser realizado manualmente, em folha de papel.

O primeiro passo antes da implantação do fluxo de caixa foi levantar os controles dos recebimentos e dos pagamentos. Logo a seguir, foi confirmada a completa inexistência de controles internos para os processos operacionais. Contudo, foi observado que haveria oportunidade de processamento de informações contábeis suficientes, tais como as entradas e saídas de recursos, para a elaboração de uma primeira versão de fluxo de caixa. No momento seguinte, foram solicitados os balanços patrimoniais disponíveis, que foram usados para extrair as rubricas utilizadas pela empresa. Após o entendimento das operações financeiras da lancheria, pôde ser desenvolvido um modelo do fluxo de caixa, simples e bastante operacional, adaptado à realidade específica da Villandry.

O Fluxo de caixa escolhido foi o do método direto por ser de fácil visualização e compreensão do fluxo financeiro, por demonstrar os recebimentos e os pagamentos provenientes das atividades empresariais (HOJI, 2010).

Após desenvolvido o modelo de fluxo de caixa, foi apresentado para o colaborador e para o proprietário da empresa, para fins de aprovação.

Uma vez aprovado, a implantação foi realizada simultaneamente a um treinamento para a alimentação de dados (preenchimento) de forma correta. Assim, ficou estabelecido que, diante de qualquer ocorrência de movimentação financeira de qualquer natureza, seja pagamento, recebimento, faturamento ou qualquer outra operação que envolva o ativo circulante e o passivo circulante, deve ser imediatamente atualizado no fluxo, permitindo o efetivo controle financeiro.

Na página seguinte, no Quadro 8 apresenta-se o fluxo de caixa da primeira quinzena do mês de setembro de 2015, desenvolvido e proposto para a empresa.



**Quadro 8**: Fluxo de Caixa do dia 01/09 até 15/09/2015

**Fonte:** da autora.

Na sequência, apresenta- se no Quadro 9 abaixo, o fluxo de caixa da segunda quinzena do mês de setembro de 2015.



**Quadro 9:** Fluxo de Caixa do dia 16/09 até 30/09/2015

**Fonte:** da autora.

Nesta análise, foram apuradas as entradas e as saídas, além do saldo que ficou no caixa da empresa durante o mês de setembro de 2015. O fluxo foi sendo preenchido diariamente, na medida em que ocorriam as movimentações financeiras, em regime de caixa.

O fluxo de caixa evidenciou ao gestor a situação real e futura com as entradas projetadas e as saídas futuras, ou seja, os valores a receber e a pagar, monitorando o saldo dos recursos disponíveis, possibilitando a visualização prévia de possível escassez ou de eventuais excedentes de caixa.

Com base nas informações recolhidas do balanço patrimonial dos respectivos exercícios contábeis de 2014 e 2013, foram feitas algumas análises complementares a esta pesquisa. Comenta-se que a análise se restringe aos exercícios de 2013 e 2014, pela razão que a empresa iniciou suas atividades no ano de 2013, caso contrário, a série temporal de análise poderia ser mais extensa, conforme se apresenta no Quadro 10 abaixo.



**Quadro 10**: Balanço Patrimonial (em R$)

**Fonte**: Balanço Patrimonial adaptado da Villandry Lanches (2013 e 2014).

Nota-se que existe equilíbrio financeiro na composição dos recursos da empresa de curto prazo, analisando a distribuição do capital de giro, foi verificado que o ativo circulante da empresa é composto de Caixa e Estoque, e que sua distribuição é muito boa, levando em conta que os valores de estoque ficaram em 7% em 2014 e 18% em 2013, frente aos totais do ativo circulante de 2014 e 2013. Então o grau liquidez é elevado, o que qualifica o capital de giro, já que o passivo circulante tem sua total cobertura pelo ativo circulante, sem a participação do estoque, elemento de certo grau de incerteza na composição da liquidez.

Logo abaixo é apresentada no Quadro 11 a apuração dos valores do capital circulante liquido, em reais:



**Quadro 11:** Capital circulante líquido (em R$)

**Fonte:** da autora.

Além disso, foi verificado que a empresa estudada tem uma sobra de recursos, possuindo sobra financeira no que diz respeito à capacidade de pagamento, uma vez que, em ambos os exercícios, os ativos de curto prazo superam largamente os passivos de curto prazo. E verifica-se que ocorre uma melhora no exercício de 2014 em relação ao exercício de 2013.

Todavia, fica evidente após a bibliografia trazida, que a gestão do capital de giro é um ponto importante para a organização financeira de uma empresa, pois mantém o empresário numa condição tranquila para planejar, depois de sabido dos resultados, podendo dar alguma destinação para a sobra que vem ocorrendo na empresa, o que refletirá na longevidade do negócio (NETO, 2012).

Visualiza-se através do Quadro 12 na página seguinte, a situação financeira da empresa, por intermédio dos indicadores de liquidez de curto prazo.



**Quadro 12:** Indicadores de liquidez Corrente, Seca e Imediata

**Fonte:** da autora.

O primeiro indicador calculado é o índice de Liquidez Corrente, onde foi verificar que para cada R$ 1,00 de passivos de curto prazo a empresa dispunha de R$ 4,48 em 2014 e R$ 5,72 em 2013, de ativos também de curto prazo. O segundo indicador aponta o coeficiente de Liquidez Seca, onde foi verificado que para cada R$ 1,00 de passivos de curto prazo a empresa dispunha de R$ 4,15 em 2014 e R$ 4,67 em 2013 de ativos de curto prazo, sem necessitar nenhuma realização de vendas de estoques. O terceiro e último indicador analisado é o coeficiente de Liquidez Imediata, onde visualizamos que para cada R$ 1,00 de passivos de curto prazo a empresa dispunha de R$ 4,15 em 2014 e R$ 4,67 em 2013 de disponibilidades, no caso representado pelo caixa. Desta forma pode-se verificar que os indicadores se mantiveram todos positivos e em níveis elevados, o que é desejável, uma vez que cobriram com bastante folga todos os passivos circulantes. O exercício de 2013, no entanto, foi melhor do que o exercício de 2014, nos aspectos de liquidez de curto prazo.

**5 CONCLUSÃO**

Sugere-se que o fluxo implantado seja mantido, pois trouxe um avanço de grande valor para a empresa, assim como os controles dos coeficientes de liquidez e do capital circulante, para fins de um acompanhamento sistemático. Espera-se que o fluxo de caixa, na condição de controle de fluxo financeiro interno, inspire o empresário a criar outros controles internos complementares, para que seu negócio e seu patrimônio evoluam positivamente nos próximos anos.

O estudo se fundamenta justamente pelo fato da Villandry ser uma microempresa que não possuía nenhum tipo de controle, o que deixou de acontecer. Fica claro que a adoção do fluxo de caixa poderá auxiliar a empresa a se organizar e a planejar ações futuras, mas para que ela consiga extrair todos os benefícios do fluxo apontados neste estudo, é preciso que a empresa supere as dificuldades com o manuseio do programa Excel, e introduza o controle definitivamente como atividade diária, produzindo informações atualizadas para o proprietário.

O problema de pesquisa foi contemplado, pois respondeu de que forma a Villandry pôde ser auxiliada por esta ferramenta, que fornecerá suporte para a gestão de seus recursos e o fluxo de caixa será capaz de certificar as condições de cumprimento de suas obrigações pontualmente.

Os objetivos foram atendidos, pois foram identificadas as contas de receitas e despesas, além dos dados patrimoniais, o que tornou possível criar um controle de fluxo de caixa adequado à realidade da lancheria, e que se encontra efetivamente implantado. Também foram criados controles de coeficientes de curto prazo e da situação do capital circulante líquido, que poderão ser mantidos, para fins de informação complementar.

Justificou-se o estudo, pois este comprovou que as técnicas adquiridas na academia se validaram na prática. Conclui-se que este estudo possa ser útil para outras microempresas que estejam na mesma situação de ausência total de controles, como estava a Villandry.

Por fim, apesar de a pesquisa apresentar limitações, por se tratar de uma empresa com baixa movimentação contábil e financeira e com pouco tempo no mercado, cumpriu seu papel, pois disponibilizou à Lancheria Villandry alguns controles básicos do seu capital de giro e das suas obrigações de curto prazo, que poderão fornecer uma maior segurança no processo decisório, o que, por si só, pode ser considerado um grande avanço, uma vez que gestor da empresa poderá passar a administrar seu negócio com base em informações de visualização amplamente facilitadas.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. C. Auditoria. **Um curso Moderno e completo**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

ATKINSON, A. A. *et al.* 2. ed. **Contabilidade gerencial**. São Paulo: Atlas, 2008.

ATTIE, W. Auditoria. **Conceitos e Aplicações**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

AZEVEDO, M. C. (Org.). **Estrutura e Análise das Demonstrações Financeiras**. São Paulo: Editora Alínea, 2013.

BARRETO, M. G. P. **Controladoria de Gestão:** a relevância dos custos da qualidade. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRAGA, H. R; ALMEIDA, M. C. **Mudanças Contábeis na Lei Societária**. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

BRASIL. **Lei Complementar nº 123/2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/lcp/lcp123.htm>. Acesso em: 24 jun. 2015.

BRASIL. PORTAL DO PLANALTO – **Informações sobre as microempresas**. (s.d.) Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/excluir-historico-nao-sera-migrado/microempresas-representam-99-das-empresas-do-pais-e-sao-responsaveis-por-51-de-todos-empregos-existentes-diz-ipea>. Acesso em: 25 jun. 2015.

CATELLI, A (Coord.). **Controladoria:** uma abordagem da Gestão Econômica – GECON. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Cientifica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

CRCRS. CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DO RIO GRANDE DO SUL. C**ontabilidade para pequenas e medias empresas**. 2. ed. Porto Alegre: SCAN – Editoração e Produção Gráfica, 2011.

DAMODARAN, A. **Avaliação de empresas**. 2. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

IUDÍCIBUS, S. de. **Análise de Balanços:** análises da liquidez e do endividamento, análise do giro, rentabilidade e alavancagem financeira, indicadores e análises especiais (Análise de Tesouraria de Fleuriet, EVA®, DVA e EBITDA). 10. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira essencial**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

HOJI, M. **Administração Financeira e Orçamentária:** matemática financeira aplicada, estratégia financeira e orçamento empresarial. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. de. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade:** teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis:** contabilidade empresarial. 5. ed. Brasília: 2010.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços:** abordagem gerencial. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

NASCIMENTO, A. M. (Org.); REGINATO, (Org.). **Controladoria**: um enfoque na eficácia organizacional. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

NETO, A. A. Estrutura de Balanços. **Um Enfoque Econômico-Financeiro**. 10. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

OLIVEIRA, L. M.; PEREZ JR., J. H.; SILVA, C. A. S. **Controladoria Estratégica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

PADOVEZE, C. L. **Contabilidade Gerencial:** um enfoque em sistema de informações contábil. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

SILVA, A. C. R. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade:** orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

1. Acadêmica do Curso de Ciências Contábeis – Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul – FADERGS. [↑](#footnote-ref-1)